

## FICHA TÉCNICA

Título original: *El Asesinato de Sócrates*

Autor: *Marcos Chicot*

Copyright © Marcos Chicot Álvarez, 2016

Copyright © Editorial Planeta, S. A., 2016

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Filipe Guerra*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Ilustração dos mapas © GradualMap, 2016

Design da capa: *Planeta Arte & Diseño*

Arte da capa: *Cover Kitchen*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2019

Depósito legal n.º 449 015/18

Reservados todos os direitos  
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## ÍNDICE

Mapas .....	13
Nota prévia .....	17
Prólogo (437 a. C.) .....	21
Primeira parte (437 a. C.) .....	33
Segunda parte (430 a. C.-429 a. C.) .....	63
Terceira parte (424 a. C.-421 a. C.) .....	223
Quarta parte (416 a. C.-413 a. C.) .....	341
Quinta parte (406 a. C.-404 a. C.) .....	467
Sexta parte (399 a. C.) .....	565
Carta aos meus leitores .....	631
Agradecimentos .....	639

## PRÓLOGO

437 a. C.

Sócrates subiu os degraus de pedra da muralha de Atenas. Quando chegou ao corredor elevado que circundava os muros, parou para contemplar dali o interior da cidade.

O sol do amanhecer convertera o manto de nuvens num incêndio vermelho que punha fulgurações nas casas caídas e no mármore dos templos. Atenas mostrava-se bela e adormecida, mas o filósofo esboçou um sorriso ao antecipar o bulício que alastraria quando a manhã avançasse um pouco. Não havia no mundo outra cidade onde passear pelas ruas fosse tão enriquecedor.

De repente, uma sensação de alarme fez com que o seu corpo se tornasse tenso e virou-se bruscamente para noroeste. «Querefonte deve ter chegado a Delfos.» Com os olhos franzidos, carregou o sobrolho. «No santuário, vai entrar em contacto com um poder enorme, só peço aos deuses que ele seja prudente.»

Passou a mão pela barba negra e emaranhada e suspirou, preocupado, sem deixar de escrutar o horizonte. Querefonte tinha a mesma idade que ele e era um homem inteligente, mas costumava pedir-lhe a opinião antes de tomar uma decisão importante.

«Apesar de que, desta vez, isso não aconteceu», disse de si para si ao recordar que tinha sido por mera casualidade que se inteirara da ida do seu amigo ao oráculo de Delfos.

— Querefonte, nunca imaginei que pudesses recorrer ao oráculo — dissera-lhe depois de se haver inteirado. — Queres saber se vais encontrar esposa?

O seu amigo sorriu ao ouvir aquela aparente brincadeira, mas notou que, na voz de Sócrates, havia, além da curiosidade, preocupação. Hesitou por instantes e, por fim, acabou por encolher os ombros. Muita gente ia a Delfos consultar o oráculo sobre a possibilidade de casamento, de ter filhos, sobre o andamento dos seus negócios; Querefonte, com o seu silêncio, dava a entender que iria colocar ao oráculo uma questão quotidiana e que se envergonhava disso.

«Preferiu não responder a mentir-me na cara», pensou o filósofo.

Sócrates apoiou-se no parapeito de pedra e abanou a cabeça em silêncio. Consultar o futuro acarretava perigos, mas o seu amigo era demasiado impetuoso para que isso o detivesse.

«Que segredos do destino pretendes desvelar, Querefonte?»

«Perdoai-me, deuses.»

Querefonte reteve a respiração enquanto contemplava o santuário amuralhado de Apolo. Com os seus trinta e três anos, era a primeira vez que ia a Delfos consultar o oráculo, uma coisa que todos os gregos procuravam fazer pelo menos uma vez na vida. Embora sempre houvesse pensado que seria um momento de esperança, no seu íntimo agitavam-se a angústia e o medo.

«Vou fazer ao deus a pergunta que não se deve fazer...» Levou a mão à túnica que lhe cobria o ventre e carregou com força no tecido enquanto uma náusea lhe percorria o estômago.

O monte Parnaso erguia-se por cima do santuário como uma sentinela severa e silenciosa. Querefonte lançou um olhar reverente para o seu longínquo cume, cujas pedras nuas resplandeciam à luz alaranjada da alvorada.

«O poder da montanha é um reflexo do poder dos deuses.»

A força espiritual daquele lugar tornava-se-lhe opressiva e, para se livrar dessa sensação, voltou-se. O terreno que acabava de percorrer descia num acentuado declive na direção de um vale frondoso que se transformava mais a oeste numa extensa planura de olivais, até às águas do golfo de Corinto. Viu algumas águias a sobrevoarem o vale mesmo por baixo do lugar onde se encontrava. Fechou os olhos e ficou atento a um possível sinal divino, talvez um sussurro de advertência que o fizesse esquecer aquela loucura e regressar a Atenas.

«Dizei-me que parta e obedecerei imediatamente.»

Esperou, com a mente alerta, mas os deuses ignoraram a sua súplica.

Cerrou os dentes e começou a descer para o santuário através da cidade de Delfos, uma cidade onde pululavam os templos a todos os deuses nos quais um homem podia acreditar. Ao passar em frente de um pequeno templo consagrado a Asclépio, uma voz a seus pés fê-lo sobressaltar.

— Queres que te adivinhe o futuro?

Uma velha de cabelo desgrenhado, sentada numa esteira nojenta, dirigia-lhe um sorriso onde apenas sobreviviam dois dentes. Devia ter-se pintado com pasta de fuligem à volta dos olhos porque parecia olhá-lo do fundo de dois grandes buracos.

— Só por um óbolo respondo-te a três perguntas.

Entre os pés muito sujos da velha viam-se alguns dados de osso com letras gregas em cada uma das faces e, também, uma tigela cheia de

feijões brancos e pretos que serviam para dar as respostas afirmativas ou negativas.

Querefonte abanou negativamente a cabeça e afastou-se da velha.

— Vejo sombras no teu destino — grasnou ela nas suas costas.

— Deverias averiguar como dissipar essas sombras.

Querefonte tentou não prestar atenção àquelas palavras, mas as rugas na sua testa tornaram-se mais fundas. Em Delfos eram inúmeros os adivinhos que davam respostas sobre o futuro, quer decifrando as combinações dos jogos de azar, quer atribuindo a qualquer acontecimento natural um sentido revelador.

«Eu não preciso de um intérprete de sinais, preciso da resposta direta do deus.»

Além disso, ele não ia consultar Apolo sobre o seu futuro. De resto, nem sequer lhe ia fazer qualquer pergunta sobre si mesmo.

Levantou os olhos carregados de arrependimento para o santuário.

«A minha pergunta ao deus será sobre Sócrates.»

Uma semana antes, quando estava para partir de Atenas, escondera de Sócrates a sua intenção. Pela primeira vez, não era sincero para com o seu amigo desde que, com a idade de sete anos, haviam começado a estudar com o mesmo pedagogo.

«Que os deuses me permitam regressar a Atenas e revelar-te as suas respostas.»

Mesmo no caso de que a sua ousadia não trouxesse consequências negativas de maior, Sócrates ficaria aborrecido e voltaria a dizer-lhe que ele era demasiado teimoso.

«Terá razão», disse para si mesmo, resignado. Sim, quando se lhe metia uma ideia na cabeça, era muito difícil que não tentasse levá-la a cabo. Tanto nas suas brincadeiras de infância como quando fizeram juntos o serviço militar, Sócrates tinha sempre de o ajudar nas várias situações comprometedoras a que o seu carácter obstinado o levaria.

Recordar o seu relacionamento com Sócrates fez com que a tensão do seu rosto se atenuasse. O seu pai morrera quando ele tinha apenas oito anos, deixando-o num abismo de solidão e desamparo tal que passava noites e noites de olhos abertos. A mãe era uma mulher retraída que, ao enviuar, se tornou ainda mais taciturna e, durante meses, Querefonte sentiu que toda a possibilidade de ser feliz ou experimentar um momento de alegria ficara sepultada no passado. O amigo Sócrates tinha a mesma idade, mas soube chegar até ele e fazê-lo sair daquele estado de alheamento, umas vezes pela força das palavras, outras vezes com a sua presença silenciosa e constante. Desde essa altura, Querefonte acabou por sentir que Sócrates era a pedra angular que dava segurança à

sua vida de órfão, uma espécie de irmão sábio e protetor cujos conselhos eram sempre valiosos. Àquele afeto tão especial acrescentou-se antes da adolescência um enorme respeito pelo intelecto do seu amigo: ouvindo Sócrates era como se uma luz surgisse na mente de Querefonte, revelando todos os matizes e implicações de ideias que, se refletisse nelas solitariamente, resultavam ambíguas ou confusas.

«Os pedagogos, inclusive, ouviam-no de boca aberta ou mandavam-no calar porque não sabiam responder às suas perguntas.»

A admiração de Querefonte por Sócrates crescera ainda mais no exército, quando o seu amigo provou ser tão forte e tão resistente que era capaz de realizar descalço as manobras militares no pino do inverno. Em qualquer caso, era a cabeça privilegiada de Sócrates que o levava a pensar nele, havia anos, quase como um deus entre os homens; e não tinha quaisquer dúvidas de que, apesar de ter pouco mais de trinta anos, Sócrates já era o melhor filósofo de Atenas.

Uma rajada de vento envolveu-o num torvelinho de pó e fê-lo fechar os olhos e enrugar o nariz de pugilista. Franqueou a porta aberta do santuário e deteve-se no início da concorrida Via Sagrada que seguia em ziguezague até ao templo de Apolo.

«Estou dentro do recinto sagrado.» De repente teve uma premonição difusa e obscura, um vislumbre de catástrofe que lhe deu vontade de sair a correr. Voltou-se para trás, sentindo que era a sua última oportunidade de evitar o desastre, mas pensou na pergunta que queria fazer, engoliu em seco e continuou.

De ambos os lados da fila erguiam-se estátuas doadas ao santuário, a maioria das quais em mármore ou bronze. Também havia numerosos «tesouros», construções que albergavam as esplêndidas doações de algumas cidades. Querefonte caminhou mais devagar ao passar junto do tesouro ofertado pela ilha de Sifnos, uma espécie de pequeno templo construído inteiramente em mármore de Paros, de uma alvura inigualável. Ao chegar ao seu extremo ocidental, descobriu que as únicas colunas do seu acesso eram duas mulheres de mármore que sustentavam a construção sem esforço aparente. Afastou-se ao mesmo tempo que olhava para trás, seguindo a curva que fazia nesse ponto a Via Sagrada. Nesse momento foi ultrapassado por dois homens.

Um deles empurrou-o com o ombro, fazendo-o cair. Os dois homens, ao afastarem-se, nem sequer se deram ao incómodo de olharem para ele no chão.

Querefonte sentiu o impulso de se atirar ao homem que o empurrara, mas isso poria em perigo a missão que o levava a Delfos e limitou-se a olhá-los com ódio.

«Espartanos», disse de si para si ao mesmo tempo que se levantava. A túnica grosseira que os homens usavam como única vestimenta revelava a sua origem. Não sabia se o tinham empurrado ao darem-se conta de que ele era ateniense, o que de modo nenhum estranharia. O crescimento do poder de Atenas havia restringido a hegemonia de Esparta. A desconfiança entre as duas cidades não deixava de aumentar, apesar de terem assinado dez anos atrás a chamada «Paz dos Trinta Anos».

«É só uma questão de tempo até que deflagre uma grande guerra entre nós.»

Esperou que os espartanos se afastassem e reatou o seu avanço pelo caminho sagrado.

«Já falta pouco», disse para si ao notar que a sua intranquilidade aumentava. Surgiu à sua esquerda o templo de Apolo. Ao vê-lo, recordou a resposta que o rei Creso da Lídia recebera ao consultar o oráculo. O rei queria saber se o momento era adequado para atravessar o rio Hális, fronteira natural entre a Pérsia e a Lídia, e para se lançar na conquista do Império Persa.

«Creso, se atravessares o rio Hális, destruirás um grande império.»

O rei Creso dera por adquirido que, com essas palavras, o oráculo abençoara os seus planos de conquista, mas os acontecimentos demonstraram que o grande império a que se referira era o de Creso. Lídia caiu nas mãos dos persas e esse oráculo ficou como exemplo da ambiguidade de muitas das suas respostas.

«A mim, o que irá ele dizer?», pensou Querefonte, cada vez mais preocupado.

Juntou-se à multidão aglomerada em volta do grande altar exterior de pedra. Estavam a sacrificar uma ovelha trazida por uma embaixada de Corinto, formada por três homens que entraram no templo quando acabou a cerimónia. Aproximou-se de um sacerdote que o informou de que faltava ainda algum tempo para dar início ao sorteio dos consultantes particulares; mesmo assim, apontou os seus dados e aconselhou-o a não se afastar muito.

Querefonte foi passear um pouco à volta e parou a admirar uma estátua. Tentava não pensar na imprudência que estava prestes a cometer perante o oráculo, mas aquela estátua representava Apolo e pareceu-lhe que o deus olhava para ele com uma expressão severa. Voltou-lhe as costas e deparou com os espartanos que o haviam empurrado a olharem para ele. Como quase todos os guerreiros de Esparta, eram ambos muito fortes, musculados, de cabelos e barbas compridos, sem bigode. Querefonte fingiu indiferença perante a atitude ameaçadora dos homens, afastou-se deles e pôs-se a andar pelo caminho lateral do templo de Apolo.

«Que terão vindo perguntar ao deus esses espartanos?», disse para si, franzindo o sobrolho. As cidades costumavam consultar o deus, pedir-lhe o parecer — e, se fosse possível, pedir a sua bênção — sobre ações militares que queriam levar a cabo. Além disso, Esparta era uma das cidades mais devotas de Apolo.

No passeio que ladeava o templo havia várias pessoas. Era evidente a tensão nos rostos e nas raras conversas. Todos iam consultar o oráculo sobre assuntos transcendentais para eles e, perante os deuses, era indiferente que fossem ricos com túnicas plissadas de cor púrpura e anéis de ouro, como alguns com os quais Querefonte se cruzava, ou indivíduos humildes com túnicas simples de lã como a dele.

Ao cruzar os braços sobre o seu corpo magro e fibroso ficou desagradado por ver que tremia. Olhou para a parede do templo, por entre duas das colunas com relevos, e pensou que, do outro lado, a pitonisa estaria a transmitir as mensagens do deus à embaixada de Corinto que entrara havia pouco. Passou por entre as colunas e pousou a palma da mão na parede de blocos de mármore. Notou que era ligeiramente áspera e sentiu uma corrente quente que fluía através dos seus dedos. Aproximou a cara da parede e fechou os olhos, para se concentrar apenas nos outros quatro sentidos. Os oráculos permitiam aos homens conhecerem aquilo que só os deuses sabiam.

«Aquilo que os homens talvez não devessem conhecer.»

Abriu os olhos em sobressalto e afastou-se da parede do templo. Alguns homens olhavam para ele e recebeu dar a impressão de que estava a tentar espiar o que o oráculo revelava à embaixada. Baixou os olhos e afastou-se pelo passeio.

— Delficos, espartanos e atenienses!

Querefonte apressou-se a responder à chamada. No total apresentaram-se catorze homens agrupados à volta de um sacerdote, enquanto os restantes se mantinham à distância. Não havia uma única mulher, não lhes era permitido consultarem o oráculo.

O sacerdote estava acompanhado por um jovem acólito que pegava numa pequena taça pintada de vermelho.

— À medida que ler os vossos nomes, ele irá tirando as fichas correspondentes à vossa vez de entrada.

O sacerdote começou a dizer os nomes e o acólito extraía pequenas placas de barro com um número pintado e entregava-lhas. Querefonte respirou fundo e ergueu os olhos. O frontão do templo de Apolo estava ornamentado com esculturas que representavam a chegada do deus ao santuário. Antes da sua vinda, a grande serpente Píton, filha da deusa Terra, profetizava naquele lugar. Apolo matara Píton e ocupara o oráculo, mas, em honra da serpente, a sua sacerdotisa chamava-se Pítia, ou pitonisa.



— Querefonte de Atenas!

O acólito virou a taça para a palma da mão. A última ficha tinha gravado o número um.

— Acompanha-me.

Querefonte seguiu o sacerdote ao mesmo tempo que, com uma mão que não podia dissimular a sua agitação, pegava numa bolsa com moedas. Pagou uma dracma pelo pastel sagrado que fazia as vezes de pagamento da consulta ao oráculo, e três óbolos — meia dracma — por uma pomba que o sacerdote sacrificou com rapidez no altar exterior. Depois entregou ao sacerdote, como donativo adicional, o resto da bolsa. Continha cerca de quarenta dracmas de prata, o que, comparado com o leão de ouro que havia doado o rei Crespo, era uma insignificância, mas supunha que os deuses levavam em linha de conta o esforço de cada um — assim lho afirmara Sócrates em várias ocasiões —, e quarenta dracmas já era uma quantia enorme para ele.

Passaram entre as colunas e chegaram ao *pronaos* ou vestíbulo do templo. O sacerdote pediu-lhe que esperasse e desapareceu no interior. Na solidão do vestíbulo, Querefonte sentiu uma apreensão repentina. Estava no templo de Apolo, no lugar que Zeus, rei dos deuses, tinha decretado ser o centro do mundo. Notou uma presença perto dele e, virando-se, viu uma estátua de Homero. Tinham-lhe falado dessa estátua, mas esquecer-se disso. Homero era — juntamente com Hesíodo — o poeta que todos os gregos estudavam, o homem que lhes havia transmitido a maioria do que sabiam acerca dos deuses e dos heróis.

No pedestal da estátua, uma inscrição mostrava o famoso oráculo que Homero recebera.

— ... pátria não tens, mas terra materna... — leu Querefonte em voz baixa. Aquele oráculo era muito conveniente, uma vez que muitas cidades gregas disputavam a honra de serem a pátria de Homero. Ao indicar que não tinha pátria, o oráculo contribuiria para que todos os gregos o venerassem por igual.

O sacerdote assomou a cabeça à porta do templo.

— Acompanha-me.

Querefonte começou a andar e, na altura de aceder ao interior, distinguiu uma inscrição por cima da sua cabeça.

«Conhece-te a ti mesmo.»

Seguindo o sacerdote, estremeceu. Os Sete Sábios da Grécia tinham ido ao santuário para entregarem aquela máxima. Entre outras coisas, essas palavras aconselhavam a fazer-se um exame de consciência para garantir que se estava a agir de acordo com os preceitos dos deuses. Querefonte olhou à sua volta e cerrou os dentes.

«Se o que estou prestes a fazer vos indigna, ó deuses, fazei cair a vossa cólera sobre mim e não sobre Sócrates, o mais justo de todos os homens.»

Chegaram em frente de uma pequena porta, tapada com uma cortina, que dava acesso ao *adyton*, o recinto sagrado onde a pitonisa entrava em contacto com o deus. O sacerdote afastou ligeiramente a cortina e desapareceu atrás dela. Querefonte ficou do lado de fora, na companhia de outros dois sacerdotes que estavam de guarda à porta. Não lhe disseram nada, mas era evidente que o impediriam de espreitar para o recinto da sacerdotisa no caso de ele se atrever a semelhante sacrilégio.

Do interior chegou uma voz cansada de mulher idosa.

— Faz a tua pergunta.

Querefonte olhou de soslaio para os sacerdotes e depois fixou os olhos na cortina.

— Há algum homem mais sábio do que o ateniense Sócrates, filho de Sofronisco?

Fez-se silêncio.

Querefonte apercebeu-se de uma sombra ténue na cortina, talvez a da própria sacerdotisa a mexer-se no seu assento. Ouviu uma respiração que se ia tornando pesada e difícil. Observou a reação dos sacerdotes, mas estes continuavam a olhar em frente como se não prestassem atenção.

A resposta da sacerdotisa chegou com uma energia que o surpreendeu.

— Não.

Uma onda de intensa satisfação percorreu o corpo de Querefonte.

«O próprio deus proclamou que Sócrates é o homem mais sábio!»

Olhou fixamente para a cortina com a respiração agitada, hesitando entre ir-se embora ou ficar.

De repente, a sacerdotisa voltou a falar:

— Tens uma segunda pergunta.

Enquanto se dissipava o eco daquelas palavras, Querefonte notou que o ar fresco do templo se transformava num frio gélido.

«A pergunta que não deve fazer-se.»

Pensou em sair dali, em fugir a correr, mas o deus sabia ao que ele tinha ido. Devia ter lido os seus pensamentos, já sabia decerto o que ele queria perguntar e talvez já tivesse mesmo a resposta.

Querefonte estava muito perto dessa resposta, não podia renunciar a sabê-la.

— Que... — Quis continuar mas tinha a garganta seca e só emitiu um gemido áspero. Engoliu em seco e voltou a falar: — Que morte o espera, a Sócrates?

Os dois sacerdotes viraram-se rapidamente para ele. A voz rouca da pitonisa murmurou qualquer coisa incompreensível. A sombra moveu-se na cortina, ao mesmo tempo que o murmúrio se repetia com mais força. De repente ouviu-se um longo chiado. De ambos os lados da cortina começaram a sair volutas ténues de fumo e um cheiro intenso a louro invadiu tudo.

A pele de Querefonte arrepiou-se quando a sacerdotisa de Apolo emitiu um gemido prolongado que foi diminuindo até cessar. Depois arfou como se estivesse a sufocar e começou a articular algo que lhe saía do fundo da garganta. Exclamou várias palavras quase a gritar, a seguir começou a falar num sussurro veloz.

Querefonte era incapaz de distinguir o que ela dizia. Aproximou-se da cortina e os sacerdotes agarraram-no pelos ombros. A voz da pitonisa extinguiu-se. Os dois homens fizeram-no recuar ao mesmo tempo que a cortina se abria, apenas o suficiente para deixar passar o sacerdote que acompanhava a pitonisa. Olhou-o por um breve segundo e Querefonte sentiu que ele estava a recriminar a sua insensatez.

— Vem.

O sacerdote afastou-se do *adyton* e Querefonte seguiu-o até que chegaram a uma câmara encostada à parede interior do templo. Estava ali outro sacerdote a arrumar rolos de papiro e pergaminhos. Querefonte supôs que se tratava do arquivo do templo.

— Espera aqui.

Os sacerdotes falaram entre si, olhando-o de vez em quando. O que o acompanhara desde o princípio escreveu algo em dois pequenos pergaminhos, guardou um deles e ficou, de pé, a ler o outro, como se hesitasse em entregá-lo a Querefonte. Este baixou a cabeça e fechou os olhos, quase descansado por não conhecer a resposta de Apolo. Pretender conhecer o segredo da morte acarretava muitas vezes consequências funestas.

«E é ainda mais perigoso querer alterar o seu curso.»

A voz do sacerdote fê-lo sobressaltar.

— Tens aqui a tua resposta. — Entregou-lhe o pergaminho. — Que os deuses acompanhem a tua viagem de regresso.

Querefonte murmurou um agradecimento e dirigiu-se para a saída do templo, lendo com avidez o pergaminho.

O oráculo que leu deixou-o sem alento.

Continuou a caminhar e chocou com um homem. Olhou à sua volta, desorientado. Estava junto do altar exterior. Afastou-se do templo de Apolo e desceu a Via Sagrada aos tropeções. As lágrimas marejaram-lhe os olhos e parou junto do tesouro da ilha de Sifnos. Apoiou-se à parede e abriu o punho em que tinha amarrotado o pergaminho com o oráculo.

As palavras do deus Apolo sobre o seu amigo Sócrates, o mais sábio de todos os homens, continuavam ali.

«A sua morte será violenta...»

Apertou com força as pálpebras para deixar correr as lágrimas.

«A sua morte será violenta, às mãos do homem do olhar mais claro.»

Um grupo de espartanos passou junto dele, olhando para as suas lágrimas com desprezo. Querefonte olhou-os fixamente na cara, um a um, mas todos tinham os olhos escuros. Afastou-se do tesouro de Sifnos e deitou a correr descendo a pronunciada ladeira da Via Sagrada.

Tinha de encontrar o «homem do olhar mais claro» antes que matasse Sócrates.

## CAPÍTULO 1

### *Esparta, 437 a. C.*

Dejanira respirou com rapidez várias vezes, tentando reunir algumas forças no meio daquela dor insuportável, sem misericórdia. Cheirava a suor e sangue. Encheu os pulmões, elevando o peito nu, e voltou a fazer força para que o bebé avançasse através das suas entranhas.

— Estás a ir bem.

O esforço fazia-a emitir uma espécie de grunhidos, ao mesmo tempo que olhava por entre as suas pernas abertas a mulher que estava à frente dela, sentada com uma expressão sisuda aos pés da cama. Desviou os olhos para a outra mulher que estava no quarto, com uns panos limpos numa mão e, na outra, uma lamparina de azeite para alumiar a parteira no seu trabalho. Os olhos da mulher evitaram os de Dejanira.

Dejanira deixou-se cair, ofegante, sobre o cobertor de lã, empapado com os seus fluidos, e o seu olhar perdeu-se nas penumbras do teto.

«Protege o meu filho, Artemisa Órtia, não deixes que lhe aconteça nada.»

Apesar do muito sangue, o parto estava a ser mais rápido do que o seu primeiro. Haviam-se passado quatro anos, mas jamais esqueceria a resistência que o robusto Calícrates opôs em abandonar o seu interior, como se se agarrasse aos seus intestinos com as mãozinhas rechonchudas. Também recordava a emoção que na altura desse parto se respirava à sua volta, o alerta inquieto mas também alegre de assistir ao milagre de dar à luz. Naquela ocasião, num qualquer lugar da sua casa estava à espera o seu orgulhoso marido Euxeno.

«O meu defunto marido», pensou com amargura.

Fechou os olhos, desejando poder fazer com que o seu filho ficasse dentro dela. O corpo dava-lhe o sinal de que devia continuar a puxar; soergueu-se e, ao fazer força, notou que o bebé deslizava, qual peixe inocente abandonando as suas águas cálidas.

A parteira acabou de tirar o menino e os olhos cinzentos de Dejanira encheram-se de lágrimas.

«Já não poderei proteger-te.»

O bebê vagiu debilmente, como num queixume. Os seus bracinhos tremiam enquanto a parteira o limpava e o envolvia num pano limpo. A ausência de emoção no rosto da mulher enchia de angústia o coração de Dejanira, que levantou a mão na direção do filho.

A parteira fez um gesto à outra mulher para que se ocupasse de Dejanira e dirigiu-se para a porta com o bebê nos braços.

— Não! — Dejanira tentou levantar-se, mas em vão porque perdera demasiado sangue. — Deixa-me vê-lo, deixa-me tocar-lhe!

A mulher parou. Olhou para ela e voltou-se de novo para a porta aberta. Depois, abanando a cabeça, aproximou-se da cama e pousou o bebê no peito suado de Dejanira, que se apressou a beijá-lo.

— O meu filho. O meu bebê...

O menino pousou a mão na pele molhada da mãe. A sua cabeça mexia-se para ambos os lados como se, com muita falta de jeito, estivesse a cheirar. Dejanira aflorou a ponta de um dedo no queixo minúsculo do recém-nascido, que entreabriu as pálpebras. Os seus olhos eram cinzentos como os da mãe, mas tão claros que pareciam transparentes.

Dejanira ficou a olhar para ele, extasiada.

— Sinto-o. — As mãos da parteira envolveram o seu filho e tiraram-no de cima dela.

— Não — disse Dejanira, que, entretanto, não largara as mãos do bebê. Mas teve medo de o magoar e cedeu. — Não! — A parteira virou-lhe as costas e afastou-se com ele. — Digam-lhe que é filho dele!

A mulher saiu pela porta e desapareceu da sua vista.

— Digam-lhe que é filho dele!

Tentou pôr-se de pé, envoou-se-lhe a vista e sentiu tudo negro à sua volta. Notou que batera com a cabeça contra o chão de terra batida. Sorveu uma golfada de ar e ainda conseguiu gritar ao perder a consciência:

— É teu filho, Aríston!... É teu filho...

O rei Arquidamo pegou na taça de vinho por ambas as asas e levantou-a. Era uma taça larga e achatada, de pé alto, decorada com simples desenhos geométricos. Um aroma doce impregnou o seu olfato quando molhava os lábios no líquido e olhava com dissimulação para o seu sobrinho Aríston.

«Que responsabilidade deverei assumir perante os deuses?», interrogou-se com inquietação.

Ele era um dos dois reis que governavam, em conjunto, Esparta. Também fazia parte do Conselho de Anciãos, um órgão de poder

composto por trinta membros: os dois monarcas mais vinte e oito espartanos com mais de sessenta anos pertencentes às melhores famílias.

Neste momento, o seu sobrinho Aríston estava a servir o vinho a um dos anciãos do Conselho. Arquidamo não conseguiu detetar nada na sua expressão pétrea ao vê-lo fazer uma ligeira inclinação de cabeça e passar a atender o ancião seguinte.

«Ainda não fez vinte e cinco anos, mas já está casado e prestes a ter um filho.»

Os espartanos cumpriam o serviço militar entre os vinte e os trinta anos. A partir dos vinte podiam deixar crescer o cabelo e participar nas refeições comunais com o resto dos espartanos, mas até aos trinta não podiam contrair matrimónio. No caso do sobrinho havia-se aberto uma exceção porque o seu irmão Euxeno, casado e com um filho, morrera sem deixar outros parentes varões. Aríston herdara a sua casa e as suas terras, casara-se com a viúva e tomara a seu cargo Calícrates, seu filho de quatro anos.

«Sente-se honrado por ter tomado a carga a família do seu irmão. No entanto...»

Os pensamentos de Arquidamo interromperam-se quando apareceu uma mulher no salão. As conversas pararam e os anciãos rodaram a recém-chegada. Estavam presentes doze dos anciãos, embora a tarefa que os esperava pudesse ser cumprida por apenas três ou quatro.

A mulher pousou em cima da mesa o embrulho que trazia nos braços. Um dos anciãos afastou os panos do pacote e deixou à vista um bebé, que agitava os braços e as pernas ao perder o calor e a segurança das faixas que o envolviam. As mãos de outros anciãos estenderam-se, tocaram no menino e fizeram-no voltar num e noutro sentido.

O rei Arquidamo presenciava o exame ao mesmo tempo que olhava furtivamente para o sobrinho. Aríston não desviava os olhos da criança. Apertava os lábios e o seu corpo estava tenso sob a capa de tecido escuro que vestia. Os seus braços eram musculosos e grossos como coxas, o que, junto ao facto de ser uma cabeça mais alto do que qualquer outro espartano, lhe dava um aspeto temível. Arquidamo lembrou-se imediatamente de Tirteu. Os poemas de Homero e Hesíodo eram o pilar da educação de todos os gregos, mas, para os espartanos, o poeta Tirteu tinha a mesma importância. Os seus poemas exaltavam o valor e o sacrifício no campo de batalha postos ao serviço do bem comum, ao passo que nos poemas homéricos os heróis procuravam a glória pessoal.

«Não imagino Aríston como herói de Tirteu.»

Os anciãos afastaram-se do bebé. Um deles voltou-se para Arquidamo.

— É pequeno...

Calou-se e Arquidamo completou para si próprio a frase do ancião: «mas válido».

Deu um passo em frente e parou em frente do bebé. Era certamente de tamanho mais pequeno do que o habitual e os seus membros eram muito magros. No entanto, já vira antes crianças assim, geralmente prematuras, que depois cresciam e alcançavam o tamanho das crianças da sua idade.

Os anciãos esperavam respeitosamente que o rei se pronunciasse. Não só era o seu monarca, mas também já tinha idade suficiente para pertencer ao Conselho de Anciãos.

O rei suspirou e olhou por um instante para Aríston. O seu sobrinho apressou-se a fazer um gesto de repulsa.

«É o seu próprio filho», pensou Arquidamo, e ficou em silêncio. O bebé descolou as pálpebras como se pudesse vê-lo, fixando-o com uns olhos tão claros que faziam lembrar uma criatura aquática. Arquidamo desviou os seus.

— Como está Dejanira? — perguntou à parteira.

— Perdeu bastante sangue, mas vai sobreviver. É forte.

— Pode ter mais filhos?

— Não vejo qualquer problema, mas isso está nas mãos de Artemisa Órtia.

«Artemisa não vai ficar muito contente com o que vamos fazer. Terá de arranjar maneira de purificar este ato.»

Deu um passo atrás enquanto o bebé mexia os braços em cima da mesa.

— Leva-o.

A mulher tardou um pouco a reagir. Depois assentiu com rudeza, envolveu o bebé nas faixas e saiu com ele para o exterior da casa.

Durante um momento, todos se mantiveram imóveis, sem desviarem os olhos da porta por onde a parteira tinha saído. Por fim, um dos anciãos murmurou alguma coisa e abandonou a sala, logo seguido pelos outros. Arquidamo esperou que saíssem e aproximou-se do sobrinho.

— Precisamos de homens — disse, procurando não mostrar recriminação nas suas palavras.

— Esse nunca o seria. — Aríston ficou em silêncio e o tio notou o esforço que ele fazia para se dominar antes de voltar a falar. — No próximo ano, Dejanira voltará a parir.

O rei assentiu lentamente, com os olhos fixos na mesa onde se decidira o destino do bebé.

— Pois que assim seja.

Afastou-se do sobrinho e franqueou a porta da casa para se adentrar na noite de Esparta.



A parteira deixou para trás as últimas casas e continuou a caminhar com a criança ao colo, rumo ao maciço montanhoso de Taígeto. A terra rangia debaixo das suas sandálias de couro e a Lua parecia refletir a neve que perdurava nos longínquos cumes.

O bebé mexeu-se contra o seu peito. Reprimiu o impulso de olhar para ele.

«Não pesa quase nada, mas é um menino são e escorreito.» Fechou os olhos, sem parar de caminhar. «Não me vai fazer bem nenhum pensar nisto.»

Já tivera de levar para o Taígeto alguns meninos defeituosos e várias meninas, mas era a primeira vez que levava uma criança que, aparentemente, poderia tornar-se um bom soldado espartano. Visualizou o rosto desesperado de Dejanira a estender os braços para o seu filho e abanou a cabeça. Dejanira era uma boa mulher e, com o seu filho Calícrates, mostrara ser também uma boa mãe.

Voltou a recriminar-se pelos seus pensamentos. Não iria, em caso algum, contra a decisão do Conselho de Anciãos e, mesmo que pretendesse fazê-lo, os dois soldados que caminhavam atrás dela impedi-la-iam.

O terreno começou a subir e distinguiu à sua direita uma cavidade. Aproximou-se e verificou que se tratava de um buraco com a profundidade de apenas um braço. Muitas parteiras despenhavam as crianças recém-nascidas do alto de uma elevação, mas ela preferia que fossem os deuses ou as feras a arrebatarem-lhes a vida.

Pousou o menino no chão, evitando olhar-lhe para o rosto, e virou-se de costas. Um dos soldados passou a seu lado com a lança apontada para a frente, parou junto do bebé e baixou a ponta da arma.

A parteira tinha um nó na garganta que lhe cortava a respiração. Alguns soldados aproveitavam qualquer oportunidade de ferirem ou matarem. A ponta de ferro afflorou o tecido, afastando-o para deixar o menino exposto.

A mulher julgou ver que os minúsculos punhos do bebé se agitavam no ar fresco da noite. O soldado regressou para junto do seu companheiro e a parteira seguiu-os de regresso a Esparta.

«Alguém me disse que em Atenas o Estado toma a seu cargo as crianças abandonadas...» A partir daí expulsou da cabeça esse pensamento e apressou-se a cuspir no chão. Os atenienses eram fracos e traiçoeiros, e os seus costumes haviam corrompido a sua sociedade.

Em qualquer caso, sentia o estômago revoltado quando se afastava do Taígeto.

\* \* \*

No lugar onde estava o bebê, o ar não circulava e o cheiro que emanava dele acumulava-se na sua cova. Na hora que se seguiu, passaram a pouca distância alguns roedores, uma coruja de bico afiado e uma loba em busca de presa. Nenhum destes animais se aproximou do buraco.

O bebê esteve relativamente a salvo até que a fome fez com que começasse a vagir.

Ainda se passaram dez minutos antes de se ouvir farejar ruidosamente a uns passos dele. Nessa altura, o bebê mexia os braços e as pernas, emitindo um som de roçadura contra o pano das faixas. A sua difusa consciência apercebeu-se de que se aproximava alguma coisa, e grande, como podia ser a sua mãe. Tentou chorar e apenas emitiu um vagido débil que logo foi suplantado por um grunhido que retumbou na cavidade.

Um focinho negro e húmido cheirou as pernas do bebê e empurrou-o duas ou três vezes, fazendo com que o seu choro se intensificasse. Duas fileiras de colmilhos, tão grandes como a mão do bebê, cerraram-se em torno do seu corpo frágil e, puxando, estraçalharam-lhe a carne.